

JORNAL DAS SENHORAS.

JORNAL DA BOA COMPANHIA.

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

o programma e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina da capa.

CHRONICA DOS SALÕES.



Não ha calor que sirva de obstaculo á concurrencia, ou que acalhe o enthusiasmo do mundo elegante, quando se acha reunido em uma sala de baile, dominado pela magia da variedade, do rumor, da musica e do brilho, que de todos os angulos se reflecte.

Um baile fascina sempre em todas as estações e em todas as idades porque contra as primeiras oppõe-se os refrescos, os sorvetes, e conta-se com todas as fauças abertas para que o ar circule francamente, não entrando no calculo as constipações: e para provar a nossa proposição á respeito das idades temos em primeiro lugar o constante testemunho dos velhos, que, máo grado da fadiga resultante dos diferentes misteres da vida a que se dedicão, ou da profissão que exercem, parecem sentir á noite menos encommidos em passar quatro horas vestidos, apertados, suados, e até inutilmente pasmados em um baile, do que dizem sentir quando jantão em trajes caseiros depois de feita a gestão dos seus negocios. Dirão elles que a mulher condescendencia para com as filhas os arrasta a tão grande sacrificio; é natural que assim seja; mas, porque não merecemos nós igual condescendencia quando se vos pede outras cousas de que não gostaes? Ah! meus bons senhores, tambem nós nunca deixamos de ser excessivamente condescendentes em tudo quanto nos

agrada; e assim são todos. Esta é pois, a primeira pr.va de que os velhos gostão de bailes.

A segunda prova é a *Arcadia Fluminense*, sociedade novamente installada com tenções em duplicato: queremos dizer que as suas sessões serão de duas naturezas, uma consagrada ás letras, e outra á dança e á musica, em companhia de senhoras.

Era só o que me faltava ver, minhas amigas! As letras protegidas pela dança! Que a dança protegia as letras já nos tinha chegado a noticia aos ouvidos por diversas vezes; mas cumpre confessar que a idéa de pagarem agora as segundas o favor que lhe fazia a primeira, é mais uma das innovações do nosso seculo, que para ir em tudo á par do moderno systema de progresso, houve a feliz lembrança de o realizar por uma companhia, isto é, por uma sociedade.

Communicou-nos um cavalheiro accionista, ou socio, da *Arcadia Fluminense*, que tem sido animadas ás discussões das sessões preparatorias desta nova instituição litterario-dançante: e até mesmo nos consta que a opposição manifestada por alguns oradores á idéa dos bailes arcadianos foi vencida por uma maioria, na qual (se não é falsa a noticia que nos derão) um velho sustentou o systema novo, com vigor e mesmo com tactica parlamentar, appellidando modestamente os projectados bailes com o titulo de par-

tidas das familias dos socios. Eis aqui a segunda prova da verdade da nossa proposição.

O que agora me resta ver, ou saber, é se as reuniões litterarias serão tão concorridas pelos cavalheiros como o serão as instructivas sessões musico-dancantes: se quizessemos anticipar juizes diriamos que nas actas das sessões muitas vezes (se não sempre) se levará a declaração de não haver (no logar por falta de numero) mas que das segundas nunca se levará uma acta por não sobrar tempo para isso — pelo muito que houve a tratar e a fazer.

E' o que acontece em todos os hailes que não são litterarios, e certamente acontecera nestes da *Acadèmia* porque serao bailes racionais, intellectuaes e scientificos.

Resta-nos agora noticiar ás nossas queridas leitoras que as sociedades do *Casino Plummens* e da *Sylphide* derão as suas brilhantes reuniões com todo o esplendor e gosto que lhes é já conhecido, e que forão animados e concorridos como sempre; do que devem orgulhar-se as dignas directorias.

A sociedade *Phil-Enterpe* fez tambem as suas reuniões de instrucção, continuando assim a mostrar-se com louvavel solicitude empenhada no grande serviço de que se encarregou em favor da civilisação e das bellas artes. Faremos votos pela prosperidade desta util sociedade, e de todas as que, como a *Vestal*, a imitação em tão louvavel empenho.

Alina.

DESCRIPÇÃO DA ESTAMPA.

VESTUARIO DE ESTAR EM CASA. — Cabellos elevados, presos atraz por laços de fita de moir violeta.

Vestido Medicis, em moir cor de milho, raiado de veludo d'ahila; corpo decorado, talhe espartilhado; mangas de dous folos e um volante. Saia lisa de pregas largas.

Pelerine *Apollin*, de caça bordada com entremeus e Valencianna.

Esta vestimenta é composta por tão engenhosa maneira que chega a parecer uma basquine, se não notar-se as duas bandas folias de cada bordada em medalhões que vão prender-se aos quadris, e a duplice beirna de valenciana queorna o decotado do vestido e lhe encobre parte do corpo. É uma graciosa *Pelerine*.

VESTUARIO DE PASSEIO. — Chapéo de palha do arroz, em tafetà branco, ornado de papoulas cor de rosa em crepe.

Vestido de tafetà enfeitado de fita-galão e pequenas franjas.

Corphino atógado formando basquine muito justo. O meio adiante é liso, e se termina com ponta redonda. Os lados vem adiante formar como uma jaquetinha aberta, bordada de um galão e uma franja. As mangas são enfeitadas da mesma forma.

A saia ornada de tres folhos recortados igualmente, e enfeitados de fita-galão guarnecida com uma pequena franja.

Na volta de cada um recortado um pequeno laço de galão.

O collarinho é de caça bordada, guarnecido de valenciana. É mui ajustado e fechado adiante, e desce sobre o peito em tres ordens de valenciana.

As mangas brancas, são folas, fechadas no punho com uma pequena valenciana.

Os lindos e judiciosos escriptos que abaixo vão publicados, são extrahidos de uma das melhores paginas da *Illustração Brasileira*. Nada de melhor nós resta a dizer a respeito do especial merecimento destes bellos e sublimes pensamentos derivados de pennas tão habéis e abalizadas; somente reproduzimos aqui a ultima parte da breve introdução feita pelo digno Redactor da *Illustração Brasileira* ao apresentar-lhes aos seus leitores.

Queira elle aceitar nesta occasião nossos cordaes cumprimentos.

Para corresponder dignamente a esse espirito de complacência e delicadeza publicamos hoje

algumas paginas de um livro querido, e para nós de mui subido valor.

Os leitores da *Illustração Brasileira* verão que não podiamos seguramente manifestar com mais franqueza e brilhantismo o nosso reconhecimento do que offerecendo-lhes um bello ramo de flores.

« Eil-o :

A maior singeleza, combinada com a elegancia e o arto, convém ao trajar do homem, que se deve distinguir e fazer conhecido pela bondade do coração e cultura do espirito, sem nunca falar ao dever e á justiça por suas ações e maneira de as praticar em qualquer estado o circumstancia da vida domestica e civil. A mulher, porém, assentão os adornos, que o primordas artes e a perfeição do gosto lhe proporcio.



Julien David

Gravé par J. B. Barthelemy

595

LE MONITEUR DE LA MODE

Modes de la Maison M^{lle} Worth & Compagnie, Place du Tréport, 2. Maison de S^{te} Dorothee, 10, 12 de la Chaussée,
à droite et Confections de la Maison Godeau & Richelieu, 31, à gauche de M^{lle} Clémenceau, à la Post. Aubou.
Café de la Poste, à gauche de Vaquer, Saboulee sur Richelieu 31.

Paris, Rue Richelieu 98



LONDON at the Monitor Office 15, Great Street, SOHO NEW YORK ED. Strang 577

Die Vorbehalt gegen Nachdruck

não, á maneira que a civilisação progride, não porque a excellencia do seu ser deixe de consistir nos dotes d'alma e no exercicio das virtudes, que qualifcam a supremacia de seu sexo; mas por se conhecer que, sendo a mulher a obra mais sublime e completa da Omnipotencia creadora, tudo quanto ha, e se faz da mulher se lhe deve dedicar para que seja eminentemente apreciado ao reflexo encantador de sua celestial belleza.

Antonio Pereira Rebouças.

Queres que a estrella
Se te não mude,
Toda a esperança
Põe na virtude.

Sopro Divino
Trouxe-te a vida;
Volve com elle,
Filha querida.

Columna d'oiro
Aos Céus erguida
Seja o emblema
Da tua vida.

Com ella snbas
A' Deus no amor,
A dar-lhe d'alma
Todo o primor.

Não penses sem Fé,
Não queiras sem Esperança
Não ames sem Caridade.

Francisco Ramiro de Assis Coelho.

A virtude é o ornamento mais precioso de uma souhora; os dotes naturaes, as graças, as honras, as riquezas, e as mesmas considerações sociais, sem ella, são como o clarão fugitivo do relampago. Feliz quem a cultiva; ella só é que nos pode dar a doçura de uma boa consciencia, formar um bom natural, e conserval-o puro para Deus. Que ha de mais amavel, de mais precioso? Ella nos faz resignados na desgraça,

insensíveis ás affrontas, e constantes nas afflicções; a mesma morte, que tudo abate, a exalta. Ella não envelhece com os annos, não desfallece com as luctas, nem se destrõe com a morte; sempre florescente alegra-nos na vida; sempre fagueira consola-nos, no pensamento, faz-nos reviver depois d'elle, e reviver para a eternidade.

Sede sollicita no seu cultivo: sei que é a melhor flor do jardim da vossa mocidade, não a deixeis murchar.

Mangel Joaquim da Silveira.

Bispo do Maranhão.

(IMITAÇÃO DE SCHILLER.)

Como infante ligeiro e gracioso
O mundo te sorri: porém não creias
Nos seus afagos, oh! gentil Donzella.
Alma serena e pura, divinisas
Tudo o que ves em torno; e quem pudera
Resistir á magia de teus olhos,
Ao condão da belleza e da virtude?
Prazem-te as flores que a teus pés se alastrão;
Passas na vida conquistando affectos.
Oh! não despertes de um sonhar tão meigo,
Não deixes a illusão em que te embaldas.
Porém da experiencia ouve o conselho:
Olha as flores da vida, e não as colhas;
São lindas, são de aroma peregrino
No seu desabrochar; mas emurchecem
Se acobiçosa mão d'haste as arranca.

Francisco Ignacio de Carvalho Moreira.

A virgem da planície do Guanabara, esbelta, graciosa e elegante como a palmeira do deserto, pede ao hardo da montanha, que outr'ora celebrou as glorias da patria; cantou os herões da religião, e evocou a sombra dos reis para julga-los diante do seu tumulo, uma inspiração, um pensamento para enriquecer o seu album... E o alquide tem as cordas estaladas como está o coração quebrado pela dor!... E os olhos que admirarão o azul dos céos e a formosura da natureza estão condemnados á escuridão eterna!...

Uma inspiração, um pensamento para enriquecer o seu album!... E teu album, oh! virgem, não é tão rico de inspirações, e tão fecundo em pensamentos? O ouro, a prata, as decorações e

os emblemas fazem do teu album um primor d'arte: cada uma descripção, uma composição poetica, a maxima de um sabio, são homenagens consagradas a ti, oh! virgem, unico objecto de tantas cantos e tantas adoracoes.

Um dia este album passará á outras mãos, e elle só despertará a recordação de um passado de illusões, de mentiras e frivolidades que não tornarão mais á existencia. Antes que a aurora com seus dedos cor-de-rosa corra as cortinas do leito do bello astro do dia, a nympba se precipita no jardim, e com suas mãos de alabaastro rega a flor miniosa, eucanto dos seus olhos, idolo do seu coração: de tarde o rustico jardineiro arranca a haste da filha da primavera, que já não embalsama o ar com seu perfume, nem attrahe a attenção pela riqueza do seu matiz e a belleza de suas cores!... Oh! como é formoso este céu dos tropicos abalilhado pelo cruzeiro do Sul! Que estrella tão luminosa! E' não brilhante que o Todo-Poderoso cravou na abobada do firmamento! E' um destes anjos que presidem aos destinos dos homens! E' o astro desprudente-se do horizonte, tracou uma eclipse, e sumiu-se no espaço!... O' virgem, o hãri dos christãos! orgulho de teu Pai, doce reminiscencia dos amores sagrados de tua mã! todos estes encantos que te cercão, estes votos lançados á teus pés, estes protestos de amor, estas seducções da grandeza, esta aureola em que o mundo te envolve, são para ti, ó virgem, a voz melodiosa da serpente que nos desertos de Edom attrahe com os seus magicos accentsos o inexperto viajor para o dilacerar com suas garras. E amanha? E teu coração? E teus pensamentos? Não! não esqueças esta sentença do bardo, que conhece todos os mysterios da vida e os segredos d'além-tumulo: — Deus e a virtude!

Frei Francisco de Monte-Alverne.

Sympathia.

Fagueiro vibrar de amor,
De peregrina afeiçãõ,
D'alma vivente flor,
Ternura, encanto, expressãõ,
Balejo do meu sentir,
Pura tu és, sympathia,
Qual é dos céos harmonia
Qual é da virgem sorrir.

Eil-a no livro escripta
D'hãli palavra querida,
Mãs almo canto não tenho,
Nem doce voz mais sentida.

Este hymno de — Sympathia —
Eu von, senhora, offeriar-te,
Não me inspira a pobre lyra
Outros sons p'ra consagrar-te.

Caetano Maria Lopes Gama.
Senador do Imperio.

Lê-se na historia um successo, ou para melhor dizer, um prodigio de amor, que será de admiração em todos os seculos. Um grande rei, soberano de muitos reinos, tinha um só filho, principe bello, docil, amavel, sabio; o qual fazia a felicidade de seu pai, que o amava como a si mesmo. O principe, de sua parte amava ternamente um de seus escravos; e offereceu-se a morrer por elle, para o livrar da morte em que fora condemnado por um crime. O rei, de grande justiça, agraciou o escravo e lez perecer o filho.

Este exemplo que é e será provavelmente sempre tujeo sobre a terra, acha-se consignado nos Evangelhos, onde lê-se, que o homem tendo sido condemnado á morte eterna, por causa do peccado, o Filho de Deus, Senhor do Universo, quiz incarnar e pagar com a sua morte a divida do homem. (Isai. 53) e o Pai eterno o fez morrer sobre a cruz para salvacão dos miseraveis peccadores (Thom. 8. 32)

Que vos parece alma devota, desse amor do Filho e do Pai?

(Breve canticco de uma alma que suspira por Deus).

Este coração suspira, e não sabe dizer por quem. E' de amor sem duvida, mas não me diz nada.

Responde, meu coração: por quem suspiras? Eu quero Deus, responde elle; eu suspiro por Jesus.

Suspira, meu coração, suspira sempre: a tua vida seja amor aquelle que te soube tanto amar!

Suspira, e Jesus seja todo o teu amor, e aaria sempre a tua esperança.

Faze que teus suspiros vão ferir aquelle que te feriu; espera ao depois, cheio de confiança, tudo o que podes esperar.

Ide, meus suspiros, ide até Jesus; ficai a seus pés, não vos alasteis mais.

Dizei-lhe que o coração que vos envia arde de amor por sua belleza; dizei-lhe o que este coração sente, os vossos votos serão ouvidos.

Elle pede, elle deseja amar de todas as suas forças.

Dizei que nunca Deus recusou nada ao coração que o ama.

Bispo de Chrysoptolis.

Um poeta, que poeta
Viveu sempre e quer viver,
Vai aqui, bella senhora,
Uma palavra escrever;

Palavra que vale um hymno
Psalmeado ao Creator,
Que exprime da natureza
Todo o esmero e primor.

Diz — um poema eloquente,
Diz — a propria poesia,
Diz — a fonte d'onde emana
Do universo a magia.

Diz — os amores da terra,
Mysterio, encantos dos Céos,
Diz a harmonia dos mundos,
— A melhor obra de Deus.

Esta palavra, Senhora,
Tudo o que é bom dizer quer;
Do perfeito expressão breve,
Esta palavra é — MULHER.

Dr. Antonio Felix Martins.

O juizo é a verdadeira formosura de uma Senhora. Além do cumprimento dos deveres, o que mais, o demonstra e o emprego do tempo: sabe-o aproveitar é uma das mais bellas qualidades de uma esposa.

Visconde de Olinda.

A belleza, quando acompanhada de modestia e doçura, é um dote tão brilhante, que sempre obtem a admiração e o respeito d'aquelles que têm a fortuna de poder apreciar-o.

Barão de Boa Vista.

O nosso espirito pôde ser dominado pelos sentimentos d'alma, os quaes não sendo bem regulados, não só illudem, mas desatinão a razão.

Esse desatino nos leva a paixões, que na ordem moral são como as tempestades na ordem physica.

Feliz quem as evita procurando conselho entre os seus verdadeiros amigos.

São nossos verdadeiros antigos aquelles que nos illuminão a intelligencia com maximas moraes e religiosas.

Serão esses nossos benefactores porque lhe desenvolverão uma consciencia pura e esclarecida.

Joaquim Maria Nascetes de Azevedo.

Virgem de meigo sorrir,
Que vives colhendo flores,
Porque flores vens pedir
Ao bardo que só tem dores?

Virgem de meigo sorrir!
Lindos sonhos que sonhei
Não posso dar, que os perdi
Sorrisos com que brinquei:

Ah! virgem! mudados vi
Em mil penas que penei.
Eu peço, virgem, não dou,
Que não tenho para dar.

— Es anjo que Deus criou,
Ora; e Deus me ha de curar
Dores que o mundo causou,
Virgem de meigo sorrir,

Vai colher da vida as flores...
As que ao bardo vens pedir
Deus t'as pôz nos teus primores,
Virgem de meigo sorrir!

José Maria do Amaral.

Ministro do Brasil no Uruguay.

Quando com perfumes e flores a primavera rodeia a belleza em sua primeira juventude, ri-souha e confiada em seu destino, esta crusa o difficil caminho da vida. Um anjo a conduz: a esperança a precede, e as brilhantes illusões de uma fantasia joven apresentão a seus olhos vastas e encantadas perspectivas.

Os annos; ah! desvanecem uns após outros nossos sonhos de ouro, amortecem successivamente as impressões que um dia julgámos immorredouras, e vemos o passado atravez de um véo que turva os objectos.

Ha contudo um sentimento celestial que não está sujeito a essa terrivel lei do tempo. O coração o conserva puro e não o olvida jamais por que a memoria do coração é infallivel. E' o sentimento da amizade: suas recordações dominão sobre as illusões perdidas, como a luz aprazivel da lua em antigas e solitarias ruinas.

General D. Thomaz Guido.

POESIA.

A ROSA PERDIDA.

Tive uma Rosa: perdi-a;
E tão perdido fiquei,
Que até me de não saber della,
De mim mesmo nada sei.
Se penso, não sei se penso:
Se choro, não sei se choro:
Se fallo, não sei se fallo:
Se o coração anoiado
Sinto estalar de afflicção
E procuro allivial-o,
Não encontro coração.

Fado máu, se era meu tudo
A minha Rosa tão bella,
Por que não quizeste, amigo,
Que se perdesse conmigo,
Ou me perdesse com ella?
Mas... que loucura! não fora
Satisfeito dessa perda
Teu cruento galardão?!

Essa perda tão ditosa
Não seria perdição.

Quanto perdi tudo achára,
Pois tinha tudo com ella!
Meu pensar sempre a seu lado
Uma inspiração de amor,
Minhas palavras, carinhos,
Meiguices ardentes, cantos
Nascidos d' alma, e meus prantos
Orvalhos da minha flor.

Oh! Céos! dai-me a minha Rosa,
A minha Rosa tão bella,
Que se me fôr para sempre
A minha Rosa perdida,
Perder também quero a vida,
Não posso viver sem ella.

Silva Rabello.

AI DE MIM!

Gemendo em vão minha dor,
Mil suspiros vou soltando;
Consumo assim minha vida
Triste pranto derramando!
Ai de mim! eis meu viver,
Suspitar até morrer!!

Aquella a quem tanto adoro
Menospreza o meu amor,
Deixa-me assim ir penando
Soffrendo cruenta dor!

Ai de mim! eis meu viver,
Suspitar até morrer!!

Victima da desventura,
Soffrerei a minha sorte,
Deixarei de padecer
Quando enfim vier a morte!

Ai de mim! eis meu viver,
Suspitar até morrer!!

S. Christovão, 9 de outubro de 1854.

Innocencio Rego.

A MANTA.

§ I.

Era o dia 8 do abril de 1816. Nada esqueci
d'esse dia, d'esse dia da primavera em que o sol é
brando, tão pallido. Tinha eu sahido de Paris, e,
solitário, passeava já bem longe da cidade,
quando me recordei de um convite que tivera
para essa noite, e ao qual o rigoroso dever da

politica me não permittia faltar. Voltei, pois,
pressuroso e de máo humor.

Era já tarde quando entrei no salão da mar-
queza de R... Aborrido, no meio de uma reu-
nião brilhante, em que nada me interessava,
sentei-me com indifferença ao lado do prazer
dos outros. Aqui, dizia eu, nada ha para o
espirito, nada para o coração. Illudia-me; eu

não era mais que um enojado e julgava-me um sábio.

Perdo de mim havia uma mania. Porque razão me interessou essa mania?

Córes frescas, viyas, um tecido tão fino e macio podião naturalmente fixar meus olhos distraídos. Dirigi a vista para as miuderes mais brilhantes; e meus olhos voltáram a cravar-se na mania. Não havia que duvidar, essa mania tinha sido posta ali delicemente; não tinha sido machucada, como que revelava alguma timidez e modestia na mão que ali a collocára. Parecia-me ver, em sonho, através desse véo transparente, uns olhos azues, um doce sorriso, uma expressão indefinível, sensibilidade, benevolência, innocência e graça...

Tinha atida a mania na mão, quando subitamente acordei do meu sonho... Diante de mim estava uma donzella!... era o meu sonho, mais ainda que o meu sonho. Antes de a haver visto, não se podia sonhar, nem adivinhar Maria!

Não me podia aquillo que era seu, e comtudo conheci logo que essa mania só a ella podia pertencer; e nenhuma outra a tivera e dado. Levantando-me precipitadamente, não pude achar uma palavra própria para dizer-lhe, uma desculpa banal para dar-lhe. A minha emoção, a minha surpresa, o meu olhar, fallava o melhor; talvez; outra qualquer ter-mo-lia em conta de estulto; conheci que não era esse o pensamento que a animava; e do fundo d'alma li o agradeço. Ambos fizéramos um encontro inesperado em um mundo cujos pretendidos prazeres secretamente denegavamos: tínhamo-nos comprehendido.

Vós que me lêdes, amastes já? Se o vosso coração palpitou por um objecto digno do vosso amor, fallemos como amigos, que são bem poucos os que nos entendem; escutai-me. Se o amor só foi para vós uma distração de momento, um passatempo de um dia, certo que não me entenderéis; muitas palavras serão para vós palavras perdidas, palavras lançadas ao vento. Mas se amastes verdadeiramente com esse amor de que só a recordação me faz tremer a mão ao traçar estas linhas, com esse amor cujas voluptuosidades ideaes e puras apagam as voluptuosidades que sonhão as paixões delirantes; se amastes com esse amor que faz do homem um ente algum tanto melhor, e da mulher um anjo, achareis aqui, por ventura, alguns traços da vossa historia, apagados sim, mas não obliterados do vosso coração? E se assim amastes, sabeis então como é que a existencia recobra o seu atractivo, como desaparece de subito esse enojo que parecera incuravel.

Descobristes o unico segredo, o grande mysterio do mundo, a unica palavra necessaria: amar. Se assim amastes, podeis morrer... tudo sabeis; o tempo e a terra nada mais tem a ensinar-vos.

Havia no todo de Maria um encanto inexpri-mível; uma graça tão natural, tão harmoniosa, que não podia desmentir-se nem por um gesto, nem por um olhar, nem pela inflexão da voz. Sua alma estava toda nella. Cada um dos seus movimentos, cada uma das suas palavras, era um pensamento.

Uma noite disse-lhe eu: Maria, devo-vos toda a felicidade de que gozo? — Seria possível? respondeu ella: — Maria, como amo essa mania! Se não fora ella, ainda hoje vos não conheceria.

Maria apertou a mania contra o coração. Ella tinha a cabeça inclinada, e na mão a garra fluctuante. Ella comprehendia o meu silencio e suspirou. Ambos pensávamos nesse mania com as perspicuas previsões. Maria adivinhava minhas muitas reflexões.

— E a esperanza? disse ella. — E verdade, tenho uma... — Qual? — A morte!... ella, pelo menos, nos unira.

E já uma pallidez mortal tinha succedido nas suas faces a esse leve rubor que a palavra esperanza fizera assomar. Pobre Maria!

Essa noite foi triste, mas mais triste foi ainda a que lhe succedeu. E comtudo, tínhamos a certeza de nos tornar a ver. Estava ainda distante o dia em que nos devíamos separar, como o mundo separa, quando a mão de ferro das suas conveniências despedaçou sem piedade tudo o que aineca derrocar o seu edificio de egoismo.

Por muitos annos esse mundo e eu fomos irreconciliáveis! Por fim elle se esqueceu de mim, e eu perdi-o-lhe.

E não basta olhar para o mundo, para ficarmos vingados do mundo que nos faz soffrer? Bem insensate é aquelle que repelle a religião, como uma fraqueza do espirito; a sensibilidade como um lago, a benevolencia como uma necessidade nas todos os que soffrem são bem vingados! Onde estão os felizes?

§ II.

Com o calmoso estio vierão os seus dias apraziveis. O mundo brilhante no meio do qual encontrara impressões que por certo não fora ali procurar, tinha-se dispersado; mas em França, a solidão não convém por muito tempo, ha ainda espirito do mais para que se não sinta a necessidade reparti-lo com os outros; fui convidado pois para passar algumas semanas em B..., nas terras do barão de M..., pai de Maria.

Havia dous mezes que nós tínhamos separado, e de Maria só tinha recebido noticias indirectas. Soube que estava doente, e que se tinha chamado um medico de Paris. Quando cheguei ao palacio, havia já algumas semanas que estava em convalescença. Comtudo, na noite em que entrei, não appareceu ella no salão.

Muitas vezes me tinha Maria fallado em uma presa d'agua, a que chamava o seu lago, que havia no parque a alguma distancia do palacio. Compreendi que era ali que nos devíamos encontrar. Na manhã seguinte, logo que raiou a aurora, encanthei-me para o lago; a noite me parecera um seculo. Vi um banco de relva, sentei-me para espera-la, que o coração me dizia que para aqui dirigiria ella os seus passos.

Passados alguns momentos, apparecerão ao longe dous vestidos brancos; por baixo das frondosas arvores do parque. Reconheci logo a mania azul; mas Maria não vinha só, apoiava-se no braço de uma seuhora ainda joven. Forçoso foi conter-me.

Maria apresentou-me a madame M..., sobrinha de seu pai. Archel-a mudada, e no seu rosto sempre ainda da sua recente modestia. No meu silencio, e na expressão do meu olhar, viu ella a minha inquietude.

— Hoje sinto-me mui forte! disse ella; cheguei aqui sem a menor fadiga; e o seu sorriso e os seus olhos, que procuravam os meus, me dirigiram essas palavras de consolação. Contudo, ou fosse emoção ou fraqueza, foi obrigada a descansar no braço de celva do lago.

— Na verdade, minha bella prima, disse madame M..., ha quinze dias nem tem passos podies dar, e hoje andastes um quarto de legua! Mas não deveys esquecer vossa promessa, é preciso ter prudencia.

— Ha jessous, disse Maria olhando para o lago, que nada esquecem. Ella me agradecia por ter-me eu lembrado deste lugar, e por ter ido ali.

Foi de mister voltar para o almoco. Um penoso constrangimento nos obrigava a fallar de cousas indifferentes; Maria deu-me o braço; apertei-o contra o coração; caminhavamos em silencio, mas pronunciámos a palavra manta.

— Sem duvida, senhor, disse madame M..., que reprovais o uso dessa manta azul. Tendes razão, ha mais de duas mezes que ninguém as traz; já passou a moda das mantas. Fizei-lhe que as que são o tom á sociedade já as hmirão ha muito: como vultes de Paris ella, vos aereeditará: é tal a sua obstinação que nem quer usar de chade, e a essa infeliz manta deve ella a sua ultima doença.

— Será verdade? exclamei eu.

— E, respondeu Maria.

Aperfei-o seu braço, e, pouco depois chegámos a palácio.

Maria não parecia evitar as occasiões; não procurava dissimular o que se passava no seu coração; tudo nella era amor; mas sabia conciliar com admiravel tacto e delicadeza o desejo que tinha de avistar-se conmigo, de fallar da nossa paixão, com a modestia que deve acompanhar sempre uma donzella privada do apoio de sua mãe. Era-me mais facil respeitar esse sentimento do que deixar de ser infeliz.

Ah! sem duvida, o objecto mais amavel que se pode encontrar na terra é uma mulher que ama: o atreo, se algum existe, deve crer em Deus ao ver uma donzella commovida por um primeiro sentimento de amor. E' das obras da criação a mais perfeita. E' na alma de uma donzella que se concentram todas as abuegações, todas as ignorancias, todas as devoções que o mundo e os homens ainda não puderão diffamar.

O constrangimento em que vivimos cada dia se me tornava mais penoso. Fiquei moroso e triste. Maria em balde procurava suavisar minha tristeza. O meu olhar exprobrava os seus esforços. Que mulher se lembra de si, quando julga que so pode dar os sofrimentos do amor!

O encanto tão completo dessa felicidade não podia ser de longa duração, mas um não sei que, nos dizia que uno nos separassemos. Se o coração desvairia algumas vezes, tem tambem muitas vezes previsões luminosas e indefinidas que só elle sabe comprehender.

(Continúa.)

CHARADAS.



De um edificio qualquer
Sou principal compostura
Minha cor se julga ser
A mais fixa e que mais dura. } 1

Adjectivo sou chamado,
Por todos appetecido,
E do verbo auxiliar
Tempo muito conhecido. } 1

Na antiguidade já fui
Vestimenta muito usada;
Agora apenas sou visto
Lá n'um dia em que ha parada.

Companheira fiel do homem afflicto,
Contigo morre o bom christão constricto. } 1

Só me occupo em compor, e é p'r'ao que sirvo;
Sempre, — opposto ao progresso, exprimo atraz;
Ao viajar que o caminho errado segue
Mostro o que fazer deve, e elle o faz } 2

Que triste memorar dás-nos da vida!
Tua vista nos compunge; o rei, o subdito.

Julietta.

A charada do n. 44 é: 1.º Botafogo, 2.º Remido.

A companhia este n.º 45 uma estampa com figurinas de estar em casa e de passeio.